Tirso H. Sitoe
(Organizador)

FECHAMENTO DO ESPAÇO CÍVICO E DIREITOS HUMANOS

Colectânea de Poesia

Prefácio de
MARIA PAULA MENESES
Investigadora Principal/CES
Universidade de Coimbra
e Membro da Comissão de Honra
da Bloco 4 Foundation

Bloco 4
Foundation
RESEARCH IN
ACTIVISM, CITIZENSHIP AND SOCIAL
POLICIES

FECHAMENTO DO ESPAÇO CÍVICO E DIREITOS HUMANOS

Colectânea de Poesia

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Fechamento do Espaço Cívico e Direitos Humanos
ORGANIZAÇÃO: Tirso H. Sitoe
COORDENAÇÃO: Bloco 4 Foundation e Txeka
EDIÇÃO E PAGINAÇÃO: Tindziva - Comunicação & Ideias
CONCEPÇÃO GRÁFICA: Elcídio Bila
REVISÃO LINGUÍSTICA: Auzório Bito
CAPA: Virgílio Júnior
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: WILSON U.

REGISTO: 11256/RL/INICC/2023

Reservados todos os direitos de autor a Bloco 4 Foundation. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio, seja ele fotocópia, offset, fotografia, texto, ilustração ou arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no código dos direitos de autor.

Endereço:
Rua da Beira, nº. 4343, casa nº 8
Maputo – Moçambique

ÍNDICE

INTRODUÇÃO - 09
PREFÁCIO - 11
DÉJÀ VU - Stélia Acácio Mavie - 14
CORAÇÕES SANGRENTOS - Auzório João - 16
LÁGRIMAS DE FOME - Constantino Rui Cumbane - 17
ÚLTIMAS PALAVRAS, O CRUCIFIXO - Daniel Rafael Sigaúque - 18
MALDITO SENHOR DOS CÉUS - Daniel Rafael Sigaúque - 19
POESIA DE COMBATE - Denise Ivone Mboana - 20
EPISÓDIOS VERÍDICOS - Melo Munguambe - 22
EU SOU CABO DELGADO - Amede Abdulrazaque - 23
SILÊNCIO - Ângela Djive - 24
S/TÍTULO - Mauro Brito - 26
A DOR DE NINGUÉM - Auzório João - 27
RECUAR - Ângela Djive - 28
S/TÍTULO - Mauro Brito - 30
CUSTA-ME - João Juízo - 31
DIZ-ME PORQUÊ - Adelina Afonso - 32
ABELHA RAINHA - Stélia Acácio Mavie - 34
CHOVEM MULHERES NO CÉU - Adelina Afonso - 36
O PECADO DE SER MULHER - Osvaldo Ligonha - 38
COQUETEL DE MOTOLOV - Franklin Alberto Gravata - 39
FECHAMENTO DO ESPAÇO CÍVICO - Chissola Daúd - 40

INTRODUÇÃO

O fechamento do espaço cívico tem ocupado um lugar central quando falamos da dignidade humana. Este espaço cívico, quer seja online ou offline, permite que movimentos sociais e activistas de direitos humanos possam desempenhar um papel fundamental na vida política, económica e social do Moçambique actual, na formulação de políticas públicas, que não são apenas do Governo e/ou de partidos políticos que dizem representar um determinado povo que os elegeu.

Nos últimos anos, tem se verificado, o aumento do aprofundamento da captura do Estado e do autoritarismo, várias liberdades foram sendo restringidas e, consequentemente, um acentuado aumento de violação dos direitos humanos. Entretanto, as artes populares e outras formas de activismo tem desempenhado um papel importante para aumentar a visibilidade das vulnerabilidades dos defensores dos direitos humanos no fortalecimento de boas práticas de governação e denúncias as incongruências governativas, baseados na ideia segundo a qual "não podemos calar. A arte é também política".

Nunca antes, como agora, poetas e poetisas "netos ou netas da revolução" de Moçambique, se deram o luxo de encontrar um tubo de escape, onde propõem derrubar os muros que impõem e reproduzem modelos de estratificação social abeirantes. São estes "netos e netas da revolução" que, usando do legado dos antigos combatentes, interrogam "de que nos serve se?" enquanto, reproduzem de forma continua modelos de escravidão social que outrora lutavam para derrubar.

O livro, mais do que um convite a diagnosticarmos um conjunto de enfermidades sociais, propõe ser um gramofone da juventude, que encontra na poesia uma arma para liderar a acção social e política. É uma poesia que canta. Uma poesia que chora. Uma poesia que em sua performance grita indignada contra utopias de afectos políticos.

Tirso H. Sitoe
Director Executivo da Bloco 4 Foundation

PREFÁCIO

"É o povo que se escreve sem papel". Esta estrofe, que encerra este livro de poesia, um grito de Chissola Daúd, condensa o drama que atravessa o quotidiano em Moçambique, ao mesmo tempo que, pela introspeção poética, promove o debate político.

A poesia, como forma de arte, expressa não apenas um transbordar de sentimentos, emoções e pensamentos; funciona também como um meio através do qual a história é recriada. A coletânea de poesia intitulada Fechamento do Espaço Cívico e Direitos Humanos expõe as lutas vividas num desafio às estruturas hegemónicas de poder, vozes que se uniram para dar eco e desfiar contextos de silenciamento e clausura, apelando ao reconhecimento dos sujeitos com direitos e à justiça epistémica. A realidade a bater à porta de cada um/a de nós. Qual é o ritmo desta pancada? Qual é a sensação que gera este bater à porta, este alerta? Qual as formas desta realidade em luta? O que significa envolver-se com esta? Estas vozes retomam, por um lado, a tradição da literatura de combate que marcou o panorama da luta nacionalista em Moçambique, literatura definida por Frantz Fanon como aquela que pode tirar o controlo dos processos narrativos que sustentam a ordem capitalista/neocolonial e hétero-patriarcal enquanto, em paralelo, promove o desenvolvimento de uma nova linguagem e de uma nova humanidade.

São poemas que descobrem a indignação vivida, ao mesmo tempo que a sua leitura vai revelando uma razão revolucionária concreta, assente na realidade. Estes poemas desdobram-se em propostas de reorganização social (e espacial) que partilham com os/as leitores/as o desejo de reconceber a realidade experimentada em termos igualmente radicais, envolvendo temas como a dor, as ações políticas, a ética, o amor, o humanismo, o intelectualismo, a linguagem, a literatura. Estes poemas rimam a história do agora em Moçambique e, nesse sentido, são propostas de luta narradas com urgência revolucionária.

De forma continuada, estes poetas e poetisas dão corpo a uma análise da função da violência no âmbito de um leque mais alargado de ações políticas para mudar a natureza do poder. Longe de usar uma linguagem codificada e incompreensível, recorrem a uma escriva criativa, combinando a dor, a raiva com simplicidade. Muitos dos poetas participam activamente em ações organizativas, educativas ou socialmente reconhecidas, sendo estas suas reflexões mediadas no tecido social. Para manterem a sua independência e serem capazes de elaborar discursos dissidentes, sem perderem ocupações valorizadas, não usam a sua produção poética como um meio de subsistência. O que aprendi pelo privilégio que me foi dado, de ler o esboço do livro e escrever o seu prefácio, estes poetas e poetisas, - ou o povo, para voltar à metáfora de Chissola Daúd - multiplicam identidades: feministas, activistas, intelectuais públicos, escritores, amigos e muito mais.

Fechamento do Espaço Cívico e Direitos Humanos é uma antologia de 20 poemas, assumidamente um manifesto de denúncia e luta, onde estão "novas poesias de combate, pois o inimigo agora traz um novo disfarce", como sublinha Denise Ivone Mboana. O que temos aqui é uma obra onde a poesia está intimamente ligada à vida do povo moçambicano. Temos aqui um povo movido pela maior das visões: a libertação total das mulheres e dos homens, do país. A poesia tem a vocação para dar voz, apontar e denunciar o malfeito, o extremo, o que dói; mas também contém em si as sementes da imaginação de alternativas possíveis. Embora as palavras sejam armas literárias eficazes, também são usadas para tecer redes de afetos e experiências, traduzindo lutas. Isto ajuda a explicar porque é que estes/as moçambicanos e moçambicanas recorrem à poesia para pensar um futuro presente que a si pertence, de que são parte e a que darão continuidade.

Obrigada ao Tirso Sitoe pelo desafio de apresentar este livro, ao Bloco4foundation assim como e especialmente aos e às poetas e poetisas que deram corpo a um grito urgente de revolta. É esta consciência política e envolvimento com todos os elementos que fazem Moçambique que resgata coletivamente as perspetivas destes e destas poetas e poetisas de qualquer

momento individualista ou de lamentação. Estas vozes, públicas, começam com as pessoas, gira em torno delas, com uma missão: ser uma voz crítica da situação atual, oferecendo soluções, sem pedir desculpas por apoiarem o fim das situações de desigualdade e exploração.

Através deste meio cultural, a consciência política vai sendo elevada em muitos de nós. Espero que este livro contribua para que estas vozes sejam mais ouvidas e partilhadas, apoiando com coragem a missão desta geração em luta

Maria Paula Meneses
Investigadora Principal/CES
Universidade de Coimbra
e Membro da Comissão de Honra
da Bloco 4 Foundation

DÉJÀ VU

Em outras épocas, Noémia e Craveirinha sonharam com liberdades utópicas.
Redigiram versos e apertaram gatilhos,
perfuraram o ar com balas vivas contra as grades de uma prisão.
Gritaram em alta voz e prenunciaram um novo brilho, um novo dia.
Utopia!
Em outras épocas, armas passeavam nos ombros daqueles sonhadores,
e aqueles escritos foram a janela por onde passava a luz,
e eram a luz!

Em outras épocas, traziam em escritos o verde da esperança.
E hoje, no novo dia, ainda estamos em outras épocas.
E não temos luz, nem temos janelas.
Sufocamos,
morremos,
divagamos no escuro
tentando tombar muros.
Gritamos calados,
deitados em posição fetal e olhando, através de nós, uma outra época.
Déjà vu.
Os versos de Noémia e Craveirinha derramaram sangue de odores desconhecidos.
Agora, o sangue cheira a nós.
Como derramar?

Em outras épocas, homens carregaram armas e derrubaram paredes.
Agora, eles são paredes.
Quem derrubará?

Nesta época, sonhamos com outras épocas.
Queremos ser Noémia e Craveirinha,
queremos apertar gatilhos,
mas o sangue cheirará a nós.
Impregnaram-se-nos as outras épocas.

Stélia Acácio Mavie

CORAÇÕES SANGRENTOS

A criança chora em silêncio,
sua fome não é só de pão,
mas da esperança que se esvai
num país que não tem compaixão.

E enquanto a noite cai pesada,
mulheres e meninas são caçadas,
e o medo é o companheiro da jornada,
numa terra que só traz desgraça.

Mas há um povo que se ergue,
em meio ao caos e a escuridão,
que luta por um mundo justo e livre,
com a força da sua determinação.

E mesmo que a batalha seja árdua
e a vitória pareça distante,
a chama da esperança jamais se apaga,
em corações que pulsam pela liberdade.

Que as vozes se unam em poesia
contra a opressão e a desumanidade,
e que as mãos se ergam em solidariedade,
pela construção de uma nova sociedade.

Auzório João

LÁGRIMAS DE FOME

Ouço sirenes rugindo,
bulldozers rasgando essa papa pesada
servida no ocidente por mais uma mesada.
Foi vendido meu rosto minguado!

Sem valor nem expressão,
o patriotismo é assassinado com a minha visão,
calafetada nesta memória guerreira,
que tentou livrar o meu povo da cegueira.

Sonha o meu povo em meio às balas e mortes,
nuvens de repressão paralisam esta democracia
estuprada por uma tirania
que espera txaia com azagaias.

Mas sem minha visão de volta
onde irei falar o que penso e sinto?
Meu espaço cívico clama minha falta.
E por ser faminto,
meu povo chora silencioso com a rolha no reto
espetada na esperança de um futuro melhor
com um Moçambique mudo.

Constantino Rui Cumbane

ÚLTIMAS PALAVRAS, O CRUCIFIXO

Hoje farei um crucifixo apenas para te homenagear,
Para que todos os homens, de facto, percam a vida,
Pois nenhum deles foi capaz de ver o feto que tu carregavas na barriga.

É a mesma barriga que hoje reclama o preço da fome,
paga o preço da morte e volta a remoer.
Meus sonhos acontecem e desacontecem todas as noites.

Mal feito foi do eleito que não nos trouxe mantimentos
Mas trouxe-nos o pão da guerra,
o sal da morte e a água da miséria e com ele se foi a sorte.

Vivo com os olhos fechados para nunca te ver partir.
De joelhos e com as mãos para os céus,
na tentativa de que me vais ouvir.

É esta vida que tu queres para mim, e volto a inquirir.
Nunca quis essa dita paz, pois ela tem preço,
custa o sangue que é derramado todos os dias,
as vidas que são silenciadas ao gritar das armas.

Daniel Rafael Sigaúque

MALDITO SENHOR DOS CÉUS

Maldito senhor dos céus que nos trouxeste esta chuva, permitiste que as vidas nos fustigassem, mas não levassem.
Deitar-me-ei num monastério e pedirei a Deus que te traga de volta para a minha vida.
Mas que vida?
Esta vida miserável da qual todos os dias escapamos à pólvora,
vida de faz-de-contas,
e no fim das contas vemos que nada valemos nesta equação.
Vivemos martírios, adicionamos problemas, subtraímos soluções, multiplicamos
desgraças e dividimos a dor,
mas nada será igual à angústia de não te ter aqui.
Nunca sonhei com o paraíso, pois o tinha ao meu lado, mas infelizmente vi-o desaparecer aos bocados nas aguaceiras.
As tuas palavras continuam uma incógnita, como uma carta no anonimato.
Já se passam três meses desde que a chuva chegou.
Três meses em que a fome veio.
Três meses desde que aquela gente prometeu, e nada mudou.
Deito na esperança de que o amanhã será melhor, mas, sendo preto, vejo que seria melhor nunca ter nascido.
Sou visto como negro, vou vestir as minhas dores e cobrir
as minhas feridas, quem sabe, no além-vida, eu valha uma vida.

Daniel Rafael Sigaúque

POESIA DE COMBATE (VERSÃO 2.0.)

Está na hora de escrevermos novas poesias de combate,
pois o inimigo agora traz um novo disfarce.
Aos poucos vai revelando a sua verdadeira identidade,
orquestrando um novo abate,
pilhando-nos saque a saque,
e nós daremos o contra-ataque.

Está na hora de escrevermos novas poesias de combate,
contra este tirano que nos tenta escravizar,
pátria bela dos que ousarão lutar,
para tomarmos mais uma vez a liberdade,
bastam dessas mentiras da verdade.

Pedofilia à céu aberto desta tão nova democracia,
fede por dentro e por fora e nem lhes causa azia.
Sentença máxima não há para tanta rebeldia,
em forçar uma liderança num povo que só os repudia.

O espaço cívico fecha-se a passos galopantes,
vozes calam-se a todo instante.
A voz do povo é silenciada,
a violência é autorizada,
São Gangsters de fato e gravata!
"Ordens superiores" vandalizam a Constituição,
regem-se pela lei da opressão,
golpinalizam uma pacífica manifestação,
porque aqui só marcha quem usa a cor da paixão,
os demais ficam sem olho ou vão direto para um caixão.

Está na hora de escrevermos novas poesias de combate,
novas narrativas para este novo opressor,

com força, união e azagaias,
nós juramos, por ti, ó Moçambique,
desta vez, nenhum tirano nos irá escravizar.

Denise Ivone Mboana

EPISÓDIOS VERÍDICOS

No cosmos do drama,
sinto-me perdido nos corredores do trauma
pagando pelo preço da fama.
Hoje eu sinto que ninguém me ama.

Na estrada da humilhação,
caminho descalço sem visão,
vítima da dor da opressão,
procurando, talvez, quem sabe, a compaixão.

No reino da ira,
a verdade é um mito e o trono uma mentira.
os reis ficaram cegos pela poeira da guerra,
e os servos já não se lembram da justiça derradeira.

No mar de lágrimas,
os marinheiros navegam nas calmas,
no meio da tempestade de angústias,
buscando aquela ilha de felicidades legítimas.

Na capela cristã,
eu de joelhos, ouço gritos daquela menina sem sutiã,
abusada pelo falso padre que se esconde na fé cristã.

No berço da humanidade,
vejo uma criança órfã da liberdade,
presa no seu próprio lar de ingenuidades,
alvo de tanta infelicidade.

Melo Munguambe

EU SOU CABO DELGADO

Eu sou cabo delgado,
dizem que faço parte de Moçambique, mas estou a ser isolado.

Eu sou cabo delgado,
uma terra que lutou com os colonos para ter paz, mas hoje estou a ser aterrorizado.

Eu sou cabo delgado,
dizem que faço parte deste país, mas já fui despejado.

Eu sou cabo delgado,
uma terra que perdeu a esperança, cada dia que passa os meus cabos estão a ser cortados para eu ser desligado.

Amede Abdulrazaque

SILÊNCIO!

Shiii, Silêncio!
Silêncio, si-lêncio!

Será que não ouviram que nos querem silenciar?
O gozo da nossa liberdade fundamental cortar?
E o nosso direito de expressão limitar?

Silêncio,
porque as nossas dignidades comunitárias querem tirar
e fazer de nós aquele membro do departamento hierárquico, o qual eles pertencem.
Sim, querem nos sufocar, ameaçando-nos uma possível extinção.

Sempre fazem e desfazem, e isso não é nenhuma novidade.
Desfazem porque têm acção, poder e a voz de comando.
Desfazem porque manipulam a lei e agem como se fossem uma madrasta
que se abstém da ideia de ver seu enteado próspero.
Eles querem nos conduzir como gado ao empobrecimento,
e aí de quem reclamar, porque as ameaças para silenciar nossa voz já estão em alto som

Sim, abstém-se da ideia desta pátria armada vê-la prosperar.
Pois, querem nos conduzir ao autoritarismo,
limitando o nosso direito à liberdade de associações.
Silêncio, silêncio, silêncio!
Afinal?
Não nos disseram que somos um Estado de direito democrático,

baseado no pluralismo de expressão e nos direitos fundamentais?

E então?
Deem a César o que é de César,
enquanto isto não acontece, esta luta continua.
Deem a César o que é de César,
Enquanto isto não acontece, está luta continua.

Ângela Djive

As armas negam-se erguer na bandeira
há muito cansada de multiplicar armas
para calar todos os silêncios.
Queria a azáfama,
não de cães nem balas
que comem alma de quem fica em pé

Ontem colhi mangas pela estrada do nada,
abri a mão e estava a manhã
como se vê em Novembro.
Acácias parindo rubras paisagens,
mamanas enfeitando as mesas até ao lusco-fusco,
mwanas colhendo sorrisos e debitando alegrias
ao pão estendido.

O sol jogando uma partida com o asfalto fervente
toda a serenidade de um país que abraça.
Até que a mão dura das fardas,
deitou carga aos corpos,
espremeu as mãos já vazias,
atropelou os sem tecto,
arrematou os sonhos de um novo dia
correu com o frenesim alegre
de quem não pede muito.

Mauro Brito

A DOR DE UM NINGUÉM

Com a alma dilacerada,
eu sinto a dor da minha terra amada,
onde o medo e a opressão são a realidade,
e a liberdade é uma miragem distante.

Eu vejo o sofrimento dos meus irmãos,
que lutam por seus direitos em vão,
e são calados pela violência da repressão,
que esmaga a esperança e a dignidade.

A vida é uma batalha constante,
onde a fome, a pobreza e a violência se encontram,
e a voz do povo é silenciada pelo poder,
que só enxerga seus próprios interesses.

Mas a luta nunca morre,
e a resistência é um sopro de vida,
que ecoa nas ruas, nas vilas e aldeias,
e denuncia a injustiça e a opressão.

Que o meu grito de esperança seja um abraço fraterno,
que aqueça o coração dos que sofrem,
e que inspire a luta por um futuro melhor,
onde a liberdade e a justiça prevaleçam para sempre.

Auzório João

RECUAR...

De repente, ouvi ecos de vozes: “recuar, recuar, recuar...”

Em um instante repentino, senti meus olhos encharcados de lágrimas
que escorriam mais fortemente que as águas de Boane.

Meu corpo enfraqueceu com o calor insuportável que me sufocava,
Na mesma intensidade, um fluxo de tosse espontânea surgia naquela multidão correndo. Vozes gritavam:
“Lave a cara e tire a camisete!”
“Moça, lave a cara!”
“Moça, tire a camisete!”

Confesso que, enquanto as lágrimas desciam, aproveitei para chorar.
Chorei pelos longos anos de opressão que sentimos todos os dias,
chorei por ver o anónimo baleado,
o fulano maltratado,
que em um momento de alegria, queria prestar uma justa homenagem.
Chorei porque nos foi concedida a marcha e, mesmo assim, covardemente atacaram pessoas justas e inocentes.

Chorei sim, porque como gado querem conduzir-nos ao empobrecimento, vivendo uma tirania camuflada.

Senti muitas dores,
porque de forma autoritária abusam e violam-nos cruelmente os direitos, achando que detém o poder.
Como o mano Azagaia, desejei forte em meu coração

e fiz um sinal da cruz: “Queime eles, Senhor!”

Agora, sobre tirar a camisete?
“Aí de nós, se não cumprirmos com o combinado”

Ângela Djive

E agora Zé?
já sequestraram as acácias da paisagem sob o nosso peito
flamejante
o pão subiu
o açúcar acabou
a chuva castigou
a manga não chega
o livro sujou.
É só rascunho do João
a cidade menina, há muito que não respira
a doce aragem das gentes
que dela sonham caminhos novos
com roupa nova e xima na mesa.

Comício acabou
As mãos pesam
A madrugada levou a revolução
tombaram marcas em corpos que hoje têm dono.
A cidade agora empresta paisagens à moda da Califórnia
qual flor qual lar de rolas
bem sabiam os pardais e os flamingos
quando migraram com o Sol.
Coitados da gente
quem nem viva respira
Ante a passividade animal
E agora Zé?

Mauro Brito

CUSTA-ME

Custa-me ser limpa
como uma folha de papel
num mundo tão cruel,
em que a podridão
é a matéria mais consumida.

Custa-me colocar vestes
que não atraiam vermes.
Custa-me ser educada
em tempos em que a educação
é deseducada.

Custa-me ser banhada
por diversos olhares,
e não saber em qual deles
habita a alma assassina.

Custa-me!
Custa-me ser verdadeira e fiel.
Mas o que mais dói,
é que nos dias de hoje
custa-me ser mulher!

João Juízo

DIZ-ME POR QUÊ?

Diz-me por quê?
Diz-me sem tremor.
Com essa boca cruel,
ante o meu temor.
Diz com palavras que ardem,
Queimam e doem.

Diz com clareza,
enquanto me rasgas,
me despedaças,
einha inocência roubas
E me apagas.

Diz-me por quê?

Tu, que não conheço,
tu, que me és estranho.
Entras e navegas dentro de mim.
Eu que nem cresci.

Invades-me as entranhas
Nesse vai e vem,
onde a dor, é só o que me vem.

Por que dentro de mim,
sobre esse corpo ferido
vivo exausto.
Deste combate que nunca vencerei,
colhes um prazer
que nunca quis oferecer.

Por que com essas mãos imundas
me reviras ao avesso,
trazendo um inferno frio
Para o meu mundo?

Diz-me por quê?
No húmido dentro de mim,
tu me inundas.

Diz, intruso,
para que eu saiba,
para que eu não me sobressalte,
Enquanto tu, com o teu bastão,
da minha confiança abusas.

Apenas diga-me, por quê?

Adelina Afonso

ABELHA-RAINHA

Tenho estado a divagar pelas madrugadas,
perambulando por ruas escuras e desertas.
Tenho estado a pensar o mundo,
a pensar a vida.

Tenho plantado meus pensamentos nas margens dos rios,
e no mar,
no fundo do mar.

Tenho estado a olhar para o longe,
para o céu,
e tenho contado as estrelas, tenho visto seu brilho.

Tenho estado perdida no espaço e olhando para a lua,
e na lua, tenho me visto a mim,
e a ti.

Tenho estado a divagar pelas madrugadas,
tenho estado a gritar e a cantar,
e a sonhar.

Sonho com mundos, outros mundos
e ouço ursos,
rugidos de onças, leoas, mulheres.

E ouço zumbidos de abelhas, abelhas-rainhas.
ouço asas baterem, voarem, voarem alto
tão alto como as estrelas.

Tenho estado a caminhar por ruas escuras,
e o que busco?
busco-me a mim,
e a ti.

E o que vejo?
vejo asas de abelhas, de águias, de libélulas, de onças,
de leoas, de mulher.
abelhas-rainhas,
voam alto, são estrelas
e brilham,
zumbem,
e rugem,
rugem alto.
Não as ouvem?
Aí, não!?
Pois rugem,
e voam.

E a mim, me ouves?
ouves o meu rugido?

Tenho estado a divagar,
a perambular,
a caminhar,
e a rugir.

sou abelha, águia, libélula, onça, leoa...
sou mulher.

Stélia Acácio Mavie

CHOVEM MULHERES NO CÉU

Hoje queria dizer palavras de ternura,
com doçura na voz, palavras que curam,
palavras que pudessem desfazer esses nós
que me entopem a garganta.

Queria dizer palavras de esperança,
para saciar essa fome de vida
que nos é roubada,
e devorar o amargor da dor que nos é infligida.

Queria dizer que tudo vale a pena,
a vida é bela,
a morte não espera no ricochetear da bala,
a violência faz parte,
pois o corpo da mulher é tambor a bailar
na fricção da vara.

Mas como dizê-las com ternura,
como cobri-las de doçura,
falar de um mundo de segurança,
cheio de paz e esperança,
quando sei que esse mundo não ultrapassa
as fronteiras invisíveis da minha imaginação,
e minhas palavras não bastarão
para dar um sopro de vida,
para reanimar tantas mulheres destroçadas?

Como poderei dizer que está tudo bem,
quando ainda somos indigentes,
almas errantes exiladas da existência?
Como posso explicar
que o amor se tornou arma de aniquilação,
a morte eminente, nosso modus vivendi?

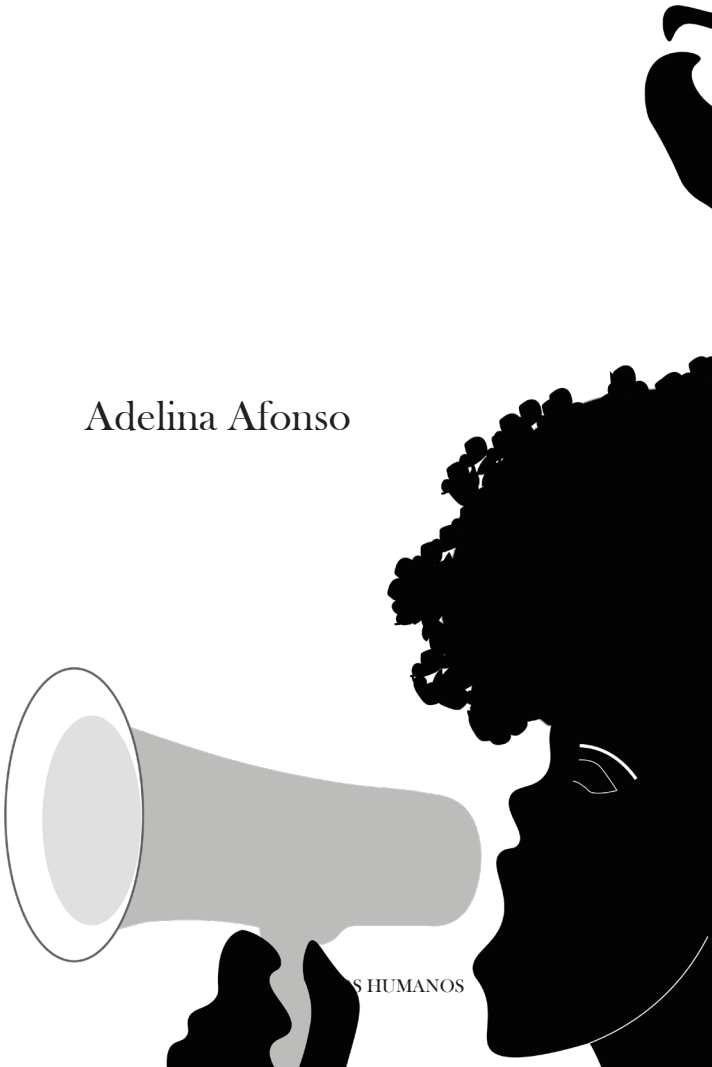
Neste incubatório de tormenta,

onde vivemos e morremos
pelas mãos de quem mais amamos,
uma mancha sombria cobre-nos os olhos
e apaga-nos os sonhos,
em favor de um amor do qual jamais regressamos.

Neste delírio mórbido,
se tece sobre nós um manto de espinhos,
onde sibila como vento em redemoinho
os acordes do ódio que nos é dedicado,
deixando escapar em rajadas
partículas no ar,
dos gritos moribundos
de mulheres violadas, maltratadas, espancadas e assassinadas,
expondo ao mundo o vermelho do sangue ainda quente que jorra dos seus corpos já frios.

Queria buscar vingança,
fazer das palavras arma,
para começar nossa guerra
nas entrelinhas de um poema,
dar a justiça
que há muito nos é devida!

Adelina Afonso



O PECADO DE SER MULHER

Eu sei que não és a culpada.
Tu só foste tu.
Infelizmente só foste mulher.
E sem perceber caíste num abismo.

Nesta sociedade, é pecado ser uma.
Não podes viver a tua vaidade e beleza.
És proibida de gozar da tua dignidade e respeito.
És imposta limitações sobre o teu próprio corpo.

Não te culpes, eu sei que tu não és a culpada.
Tu só estavas à procura do teu sucesso.
Mas eles nem sequer se importaram com isso.
Foste obrigada a conviver com o medo.

Tiveste de habituar-te a escutar consequências sem antes acontecerem.
Foste enjaulada numa consciência de que existem sanguessugas e deves proteger-te.
E sem perceber o medo tornou-se realidade.
E hoje, com aquele acontecimento perdeste o medo.

Eles nem sequer sentem remorso.
Foste apenas um alimento para saciar os seus desejos.
Nem se importaram com os teus gritos e pedidos de socorro.
Tornaram-se cegos e surdos.

A tua identidade não importou, só queriam que fosses mulher.

Osvaldo Ligonha

COQUETEL DE MOLOTOV

Coquetel de Molotov:
qualquer faísca acende essa pólvora
e coloca o povo em alvoroço,
porque o estado é ocioso,
corrupto, estático e preguiçoso.
Um leviatã domesticado, corrompido e bem alimentado,
por um povo mentalmente amputado,
desgraçado e amargurado,
que mal se lembra: que o poder por si delegado é o mesmo que o tem condenado.
Coquetel de Molotov precisa-se! Cíclico como as eleições para lembrar-nos que democracia não é a burocracia sistemática que elege os mesmos burgueses de quando em vez.
Democracia é o povo no poder, como deve ser:
Igualdade, liberdade, justiça indiscriminada e não quando deus quiser!

Franklin Alberto Gravata

FECHAMENTO DO ESPAÇO CÍVICO

Levaram o papel
calaram os direitos
fecharam o espaço cívico
moldaram o contrato do medo

São vozes que se relatam ao dia
são homens, mulheres e crianças deixados à revelia
é o medo de ouvir verdades
é o tempo que se clama liberdades

Levaram o papel
engavetaram a cidadania
tentaram os direitos humanos

É o fechamento cívico
é a ausência do cidadão
é o bailado da vez

Levaram o papel
traduziram a esperança ao chão
esgotaram a marcha do operário e camponês

São vozes que anseiam mudanças
é o povo que se escreve sem papel

Chissola Daúd

A Bloco 4 Foundation agradece o apoio da National Endowment for Democracy (NED), uma fundação privada sem fins lucrativos dedicada ao crescimento e fortalecimento de instituições democráticas em todo o mundo por ter tornado a presente publicação possível.

São poemas que descobrem a indignação vivida, ao mesmo tempo que a sua leitura vai revelando uma razão revolucionária concreta, assente na realidade. Estes poemas desdobram-se em propostas de reorganização social (e espacial) que partilham com os/as leitores/as o desejo de reconceber a realidade experimentada em termos igualmente radicais, envolvendo temas como a dor, as ações políticas, a ética, o amor, o humanismo, o intelectualismo, a linguagem, a literatura. Estes poemas rimam a história do agora em Moçambique e, nesse sentido, são propostas de luta narradas com urgência revolucionária.

Maria Paula Meneses

Bloco 4 Foundation
RESEARCH IN ACTIVISM, CITIZENSHIP AND SOCIAL POLICIES
Txeka
NED NATIONAL ENDOWMENT FOR DEMOCRACY
SUPPORTING FREEDOM AROUND THE WORLD